

# A intergenericidade em artigo opinativo

---

Gisely Gonçalves de Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, este artigo apresenta uma reflexão sobre a intergenericidade em um artigo de opinião. Com o objetivo de compreender melhor esse fenômeno, analisamos um artigo de opinião construído com o formato de e-mail. A análise revelou que, mesmo revestido de outro gênero, o artigo não teve sua função enfraquecida. Pelo contrário, ao diversificar sua estrutura, o que houve foi um reforço do seu propósito comunicativo. Dessa forma, concluímos que a intergenericidade é um importante recurso persuasivo de que dispõe o locutor para agir sobre seu interlocutor.

**Palavras-chave:** gêneros; intergenericidade; artigo de opinião; e-mail.

**Abstract:** Based on the theoretical assumptions of Textual Linguistics, this paper shows a reflection on the inter-genre aspect in an opinion piece. With the aim of a finer comprehension of this phenomenon, we analyzed an opinion piece built with the format of e-mail. The analysis revealed that, even with the form of other genre, the opinion piece did not have its function weakened. On the contrary, by changing the structure of the opinion piece, there was an increase of its communicative purpose. Therefore, the conclusion is that the inter-genre aspect is an important persuasive resource that affords the speaker to act on his interlocutor.

**Keywords:** genres; inter-genre aspect; opinion piece; e-mail.

**Resumen:** Con base en supuestos teóricos de la lingüística textual, este trabajo presenta una reflexión sobre la intergenericidad en un artículo de opinión. Para entender mejor este fenómeno, analizamos un artículo de opinión construido con formato de correo electrónico. El análisis reveló que, a pesar de ser revestido con otro género, el propósito del artículo no se debilitó. El contrario, mediante la diversificación de su estructura, lo que ocurrió fue un fortalecimiento de su propósito comunicativo. Por lo tanto, se concluimos que la intergenericidad es un importante recurso persuasivo a disposición del locutor para que actúe en su interlocutor.

**Palabras clave:** género; intergenericidad; artículo de opinión; e-mail.

---

<sup>1</sup> Doutoranda/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas.

## **Introdução**

Produtos de atividades sociais estabilizadas e institucionalizadas, os gêneros contribuem para organizar os eventos comunicativos do cotidiano. Embora sejam formas textuais padronizadas e, portanto, facilmente reconhecíveis dentro de uma comunidade discursiva específica, eles não são instrumentos rígidos ou estruturas inibidoras da ação criativa. Pelo contrário, são flexíveis e atendem a necessidades humanas sempre variáveis e dinâmicas. Assim como eles se consolidam historicamente em função da estabilização de novas práticas sociais, também podem sofrer transformações e, até mesmo, desaparecer em virtude da ausência das condições que os conceberam.

Esse caráter ao mesmo tempo convencional e dinâmico que os gêneros podem apresentar tem sido amplamente aproveitado em ambientes profissionais que demandam criatividade e inovação constantes. Com efeito, para responder a contextos retóricos cada vez mais complexos, muitos profissionais têm buscado se sobressair através da criação de textos intergenéricos, isto é, textos em cuja composição se evidencia uma mescla de formas e funções de gêneros diversos. A exploração de relações intergenéricas parece mesmo ser uma prática bastante eficaz quanto se trata de chamar a atenção do leitor para determinados produtos, pontos de vista ou assuntos.

Em vista disso, propomos, neste texto, uma reflexão sobre o papel da intergenericidade em um artigo opinativo de autoria de Elio Gaspari. Nosso objetivo consiste, pois, em analisar de que modo a intergenericidade figura no referido artigo, bem como identificar as características dos gêneros envolvidos nesse processo. Para tanto,

respaldamo-nos nas considerações acerca dos gêneros e da mescla (ou imbricação) de gêneros desenvolvidas por Bazerman (2011a, 2011b), Bhatia (1997), Marcuschi (2008) e Koch; Elias (2011, 2012), bem como nos trabalhos de Bräkling (2000) e Rodrigues (2005) sobre o gênero artigo de opinião e nas concepções de Crystal (2001) e Paiva (2004) acerca do gênero e-mail.

Por fim, entendemos que, ao evidenciar a complexidade das relações humanas, a intergenericidade é um fenômeno digno de atenção e análise. Da mesma forma o é o artigo de opinião, pois se trata de um gênero que possui ampla circulação e desempenha um papel bastante significativo na sociedade. Sabendo disso, é muito importante que os leitores reconheçam a intergenericidade como um artifício na construção do artigo de opinião e, assim, sejam capazes de avaliar de forma mais crítica os pontos de vista nele veiculados. Passemos, portanto, a abordar alguns aspectos relacionados aos gêneros envolvidos no processo intergenérico aqui tratado e ao conceito de intergenericidade, para, enfim, empreendermos nossa análise.

## **O gênero artigo de opinião**

Integrante da esfera de comunicação jornalística, o artigo de opinião é um gênero no qual se evidencia uma tomada de posição a respeito de determinado assunto. Nesse caso, o articulista (isto é, o autor do artigo de opinião, que pode ser um jornalista, um colaborador ou um convidado de renome) analisa, comenta, explica, interpreta e julga uma questão, sugerindo aos leitores uma maneira específica de vê-la. Mais do que explicitar um ponto de vista, o articulista busca, portanto, modificar

a visão de mundo do leitor, transformar seus valores, ou seja, influenciá-lo, em maior ou em menor grau, através de um processo de argumentação que exige constante sustentação da posição assumida (BRÄKLING, 2000).

Nessa perspectiva, o artigo de opinião é altamente argumentativo: projeta um ponto de vista em busca de adesão, conduz o outro numa determinada direção. De fato, conforme Perelman (2005: 4), o objetivo da argumentação é o estudo das técnicas que permitem “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento”. Ora, a argumentação é utilizada em situações nas quais a verdade não é dada, mas alcançada por consenso, o que explica a possibilidade de um mesmo assunto ser sustentado em um determinado texto de opinião e refutado em outro.

Em virtude dessa natureza polêmica da argumentação, que possibilita a manifestação de opiniões divergentes, o articulista lança mão de estratégias bastante variadas para chamar a atenção dos seus leitores. Além do uso de operadores argumentativos e articuladores textuais, que orientam a sequência do discurso e indicam relações de causa, consequência, condição (BRÄKLING, 2000); é muito comum o uso de citações, exemplificações, comparações, jogos de palavras, metáforas, ironias, intertextualidades ou outros mecanismos que possam atuar em benefício da construção e manutenção da persuasão. Dessa forma, a estrutura composicional do artigo de opinião pode variar, não necessariamente terá que apresentar uma estrutura canônica: tese, argumento, contra-argumento e conclusão (BRÄKLING, 2000).

Por estar orientado para o universo da comunicação jornalística, o conteúdo temático do artigo de opinião costuma ser atual e diversificado.

Geralmente, refere-se a fatos de ordem política, econômica, social, científica e cultural que foram objeto de notícia. A respeito disso, Rodrigues (2005: 174) afirma que os temas abordados em artigos opinativos sempre se encontram “na articulação entre a apreciação dos acontecimentos sociais e a questão do angulamento da autoria”. Em outros termos, no gênero em questão importa mais a posição do articulista do que os acontecimentos sociais em si. De fato, um leitor desse gênero não busca apenas informações acerca de determinado acontecimento (até porque ele teria que recorrer a gêneros como a notícia e a reportagem para atender a uma necessidade desse tipo), mas a sua apreciação por parte de um especialista ou, pelo menos, entendido no assunto.

Uma vez reconhecido como autoridade no assunto, o autor assume a posição de articulador de um ponto de vista, de formador de opinião (RODRIGUES, 2005). Ele é visto como um sujeito altamente competente para dizer o que diz e da forma como diz. Seu posicionamento constitui-se em tema de interesse do público geral ou de determinado segmento sociedade e é endossado pela empresa jornalística que o veicula. Desse modo, ainda que esteja sempre diante de um assunto controverso, o articulista se beneficia de uma posição bastante cômoda. Além de ter seu discurso autorizado por uma mídia, ele ainda pode contar com a credibilidade assentada no seu reconhecimento social ou profissional.

Por sua vez, os leitores do artigo de opinião são pessoas, em geral, de classes sociais mais elitizadas, que buscam o posicionamento de uma pessoa pública sobre um acontecimento social, seja porque esse acontecimento as afeta diretamente, seja porque elas se interessam pela discussão dos assuntos em pauta na sociedade. Por esse motivo, acaba-se construindo uma “relação assimétrica” entre alguém que está

autorizado institucionalmente a emitir o seu ponto de vista, o autor, e alguém que, desprovido dessa garantia institucional, busca uma interpretação supostamente mais segura, o leitor (RODRIGUES, 2005).

No que diz respeito à relação entre autor e leitor do gênero em questão, ainda é preciso ressaltar o trabalho de mediação exercido pela esfera jornalística (RODRIGUES, 2005). No processo de produção, circulação e recepção de um texto de opinião, é a empresa jornalística que filtra, interpreta e coloca em evidência os diversos fatos, acontecimentos e opiniões. Dessa forma, um artigo opinativo não integra uma mídia de qualquer maneira: antes de sua publicação, ele passa por uma leitura e aprovação prévia. Nesse quadro, a própria empresa jornalística acaba funcionando como um leitor interposto entre o autor e seus interlocutores.

Como se pode notar, apresentamos, nesta seção, algumas propriedades das dimensões social e estrutural do gênero artigo de opinião. A partir de agora, concentramos nossa atenção no gênero e-mail, que também é importante para darmos prosseguimento a nossas reflexões.

## **O gênero e-mail**

Desde o seu surgimento, ocorrido no início da década de 1970, o e-mail tem facilitado a prática de troca de correspondências no mundo inteiro. De fato, houve um tempo em que a transmissão de mensagens era um processo que demandava muito tempo e esforço e que se restringia a um grupo de privilegiados. A partir de um acesso à *homepage*

do correio belga, Paiva (2004) extraiu algumas informações relevantes a esse respeito. Vejamos abaixo.

A origem do correio remonta à Grécia do século 190 a.C., quando um general de Atenas, após vencer uma batalha, enviou um mensageiro para comunicar a vitória aos Atenienses. O mensageiro correu aproximadamente 24 milhas até chegar ao seu destino. No entanto, já em Atenas, conseguiu apenas balbuciar a palavra “vitória!” antes de morrer de exaustão. Verdadeira ou não, a história é bastante significativa, pois serve para nos mostrar o quanto era difícil e demorado enviar uma mensagem.

Inicialmente, a transmissão de mensagens era feita, portanto, de forma oral e mediada por um indivíduo que se responsabilizava pela reprodução do texto. Mais tarde, com advento da escrita, houve um grande avanço no sistema das comunicações. Gradativamente, os correios deixaram de ser um serviço exclusivo da elite e se tornaram mais populares e modernos. A partir do século XIX, novos artefatos surgiram para mediar a transmissão de mensagens. São eles: o telégrafo em 1844, telefone em 1876 e, finalmente, o correio eletrônico entre 1960 e 1970. Atentemos para o último.

A invenção do e-mail, creditada a Ray Tomlinson, data de 1971. Na época, Tomlinson era engenheiro da BBN, empresa norte-americana contratada pelo Departamento de Defesa dos EUA para desenvolver o ARPANET<sup>2</sup> (Advanced Research Projects Agency Network). Com base em aplicativos já usados pela BBN para o compartilhamento de arquivos, Tomlinson desenvolveu um software, chamado SNDMSG, que permitia

---

<sup>2</sup> Rede de computadores criada pelos militares norte-americanos que, no futuro, daria origem à internet.

a transferência de arquivos junto com pequenas mensagens de texto. Após realizar alguns testes e constatar que seu programa funcionava, enviou mensagens aos colegas do projeto para falar a respeito da descoberta e explicar o sistema que havia criado para identificar os destinatários das mensagens (CAMPBELL, 1998 apud PAIVA, 2004).

Entre as décadas de 1970 e 1980, o uso do e-mail ainda estava bastante concentrado nas áreas militar e acadêmica dos Estados Unidos. Sua popularização se deu a partir do desenvolvimento da World Wide Web por Tim Bernes-Lee em 1990. Desde então, usuários do mundo inteiro vêm se aproveitando da comodidade de trocar mensagens através do correio eletrônico. Na realidade, por apresentar algumas vantagens, como velocidade de transmissão de dados, custo relativamente baixo e possibilidade de anexar arquivos de formatos diversos às mensagens; em muitas situações, o e-mail já substituiu o uso do correio tradicional.

Até agora, usamos o termo e-mail para nos referirmos tanto ao correio eletrônico quanto à mensagem eletrônica, o que poderia gerar uma certa confusão se não levássemos em conta os conceitos de suporte e de gêneros textuais. Na condição de suporte, o e-mail é usado para fazer referência ao correio eletrônico. Nesse caso, ele se presta a veicular os mais variados gêneros textuais: certificados, currículos, formulários, propagandas, projetos, relatórios, entre outros. Entendido como gênero, trata-se de um escrito epistolar que surgiu em decorrência das práticas sociais relacionadas à tecnologia da informação: o meio de transmissão de mensagens eletrônicas e-mail gerou um novo gênero textual, também denominado e-mail que produz textos diversos que se distinguem dos demais textos (anúncios, cartas, etc) também transmitidos eletronicamente (PAIVA, 2004).

Enfim, enquanto mensagem eletrônica o e-mail é

um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunidade entre usuários de computadores (PAIVA, 2004: 77).

Conforme Crystal (2001), as características como a estrutura da tela, a saudação, o fechamento, o tamanho da mensagem, as estratégias dialógicas e seu emolduramento são elementos centrais na identificação do e-mail. É muito comum, por exemplo, que o corpo do e-mail venha precedido da saudação e sucedido do fechamento e da assinatura. Além do mais, como o e-mail pode tratar de assuntos diversos (pessoais, comerciais, jurídicos, etc.) seu conteúdo temático é bastante variado, o que interfere também no seu estilo, podendo tender para a formalidade ou para a informalidade.

Até o momento, tecemos algumas considerações acerca dos gêneros artigo de opinião e e-mail. No próximo item, abordaremos a questão da mescla de gêneros a fim de que possamos analisar como esse fenômeno ocorre em um artigo de opinião de Elio Gaspari.

## **A intergenericidade**

Representante da abordagem sociorretórica de estudo dos gêneros, Bazerman (2011a, 2011b) trabalha na perspectiva de gênero como ação social. Segundo o autor, os textos, que se encontram encaixados em atividades sociais estruturadas, criam, para seus leitores, diversos fatos

sociais. Esses fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem (atos de fala), que, por sua vez, se manifestam através de formas textuais padronizadas, típicas e inteligíveis, isto é, os gêneros.

Nesse sentido, mais do que coordenar a linguagem, os gêneros organizam a vida em sociedade. Mais do que apenas formas, eles são “formas de vida”, “modos de ser”, “frames para a ação social”, “lugares onde o sentido é construído”. Eles moldam os pensamentos que formamos e as comunicações por meio das quais interagimos. São os lugares familiares para onde nos dirigimos a fim de criarmos ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos dos quais lançamos mão para explorar o não-familiar (BAZERMAN, 2011a: 23). Eles emergem nos processos sociais, razão pela qual não podem ser vistos como estruturas rígidas, nem definidos a partir de um número fixo de elementos. Compreendê-los pode nos ajudar a “decidir quando é preciso escrever de forma inovadora para realizar alguma coisa nova ou diferente” e a “entender como interromper ou mudar os sistemas pela exclusão, adição ou modificação de um tipo de documento” (BAZERMAN, 2011b: 23).

A concepção de gêneros desenvolvida por Bazerman (2011a, 2011b) explica, pois, a configuração híbrida que determinados gêneros podem apresentar. Em outras palavras, para satisfazer as novas necessidades percebidas na sociedade, muitos indivíduos, especialmente aqueles que atuam em ambientes profissionais que demandam constatare inovação e criatividade, têm investido na exploração de relações intergenéricas e, assim, criado textos em cuja composição se evidencia uma mescla de formas e funções de gêneros diversos. Segundo Bhatia (1997), esse

processo se realiza antes dentro do que fora das fronteiras do gênero, seja como for que estas sejam estabelecidas, ou seja, a exploração de recursos genéricos para criar formas mistas ou imbricadas sempre se baseia no já estabelecido dentro da comunidade profissional. Por essa razão, se houver um desvio radical da experiência original, o efeito poderá se perder, se não houver familiaridade com o original o valor de inovação corre o risco de enfraquecer.

Ao tratar da configuração híbrida que os gêneros podem assumir, Marcuschi (2008: 164) afirma ser algo muito comum “burlamos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções”. Embora esse fenômeno já tivesse recebido outra denominação, *intertextualidade intergêneros*, o autor propõe o termo *intergenericidade* – que, em seu ponto de vista, é a terminologia que melhor traduz a questão, já que existe uma relação entre gêneros – para designar os casos de mescla de gêneros em que um assume a função de outro.

No que diz respeito à identificação dos gêneros, Marcuschi (2008: 163) sustenta que ela não se deve pautar por um conjunto de características estruturais: “não é uma boa atitude imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais”. Aliás, semelhante posicionamento já havia sido defendido por Bazerman (2011b: 32):

Esta identificação de gêneros através de características é um conhecimento muito útil para interpretarmos e atribuímos sentido a documentos, mas isso nos dá uma visão incompleta e enganadora de gênero. Ao ver os gêneros apenas caracterizados por um número fixo de elementos, estaremos vendo os gêneros como atemporais e iguais para todos os observadores [...]. A definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos nos usos e na construção de sentidos. Ignora as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas

circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo.

Dessa forma, a proposta de Marcuschi (2008) é que a determinação dos gêneros se dê basicamente pela função, e não pela forma, o que não exclui outros elementos do processo de produção, circulação e recepção dos textos. Na verdade, o autor reconhece que a forma estrutural, o propósito comunicativo, o conteúdo, o meio de transmissão, os papéis dos interlocutores, entre outros elementos, em geral, atuam em conjunto na identificação de um gênero. Entretanto, quando se tem algum problema de determinação, é comum que ele seja solucionado em atenção ao propósito comunicativo.

Por sua vez, Koch e Elias (2012) usam a expressão *intertextualidade intergêneros* para designar o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de outro. Nessa perspectiva, as autoras ressaltam a importância dos *conhecimentos metagenéricos* para a compreensão do referido conceito. Segundo Koch e Elias (2011: 54), todos os falantes/ouvintes e escritores/leitores desenvolvem uma *competência metagenérica*, “que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, sua caracterização e função”. É essa competência que possibilita aos usuários da língua identificar um gênero textual mesmo quando ele se apresenta com a roupagem de outro.

A partir dessas considerações, podemos compreender que tanto Koch e Elias (2011, 2012) quanto Marcuschi (2008), ao tratarem da intergenericidade, estão se referindo aos casos em que um determinado gênero recorre à forma de outro para alcançar um dado objetivo. Observaremos esse fenômeno mais de perto na análise que se segue.

## Artigo de opinião com formato de e-mail

Neste item, evidencia-se, enfim, a análise do texto selecionado, levando em consideração a intergenericidade. Para refletirmos sobre o modo como a exploração de relações intergenéricas pode funcionar como uma estratégia argumentativa bastante eficaz, analisaremos o artigo de opinião de Elio Gaspari publicado na *Folha de São Paulo* no dia 05 de junho de 2011. Convém ressaltar que o texto foi adquirido após contato e negociação com a *Folhapress*, serviço que comercializa textos, colunas, ilustrações e infográficos a partir do conteúdo editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, do jornal *Agora* e outros.

A publicação do primeiro artigo de opinião de Elio Gaspari na *Folha de São Paulo* data de 03 de novembro de 1996. O que chama a atenção é que, em alguns deles, o articulista simula uma troca de e-mails entre personalidades políticas. Nesses casos, os artigos de opinião são construídos com o formato do gênero e-mail. O primeiro desse segmento foi publicado em março de 2002, e, desde então, Elio Gaspari tem explorado o caráter ao mesmo tempo convencional e dinâmico dos gêneros para criar artigos de opinião intergenéricos. Vejamos:

De CelsoFurtado@org para Palocci@com

*O senhor inverteu o dilema de*

*Prebisch ao privatizar sua  
influência, agora não estatize  
as consequências*

SENHOR MINISTRO,

Sua geração leu meu livro "Formação Econômica do Brasil" procurando entender nosso país, pensando em mudá-lo para melhor. Não creio que meus leitores buscassem lições para enriquecer. Seria perda de tempo. Havia neles uma mistura de fé na nossa gente e até de solidariedade pela fantasia desfeita de um economista que foi do Ministério do Planejamento, em 1962, ao desterro voluntário, dois anos depois.

Escrevo-lhe para pedir que tire das costas do governo a carga de problemas que são seus, derivados daquilo que chamei, referindo-me ao Roberto Campos, de "temperamento concupiscente".

A cobiça por bens materiais é coisa natural. Quando ela se mistura com biografias públicas, é comum que surjam conflitos políticos. Vivi 84 anos, fui ministro de dois governos e embaixador na Comunidade Europeia, publiquei cerca de 50 livros, um deles com 34 edições. Nunca me faltou o necessário.

Acusaram-me de muita coisa, jamais de ter comprado um par de meias sem que pudesse tornar pública a origem dos recursos. Morri num apartamento de Copacabana, com padrão suficiente para meus hábitos, bastante inferior ao que o senhor comprou por R\$ 6,6 milhões. (Jantei outro dia com os ex-ministros Roberto Campos, Eugênio Gudin e Octavio Gouvêa de Bulhões. O Campos, com sua corrosiva maledicência, disse que as moradias dos comensais, somadas, não cobrem o preço da sua.)

Os discípulos dos meus colegas de jantar seguiram outro caminho. Depois que retornei ao Brasil, vi como fizeram rápidas fortunas, mas vi também como deixaram de fazê-las. O serviço público nada rendeu à minha querida Maria da Conceição Tavares ou ao Carlos Lessa.

Talvez sejamos uma espécie em extinção. Gente que gosta de relembrar e seguir a lição que ouvi do Raúl Prebisch, o grande economista argentino. Depois de presidir o Banco Central do seu país, viu que ficara "sem meio de vida". Convidado para a direção de grandes bancos, recusou: "Como podia colocar os meus conhecimentos a serviço de um se estava ao corrente dos segredos de todos?"

O senhor privatizou sua influência e justificou a própria concupiscência invertendo o dilema de Prebisch. Foi uma escolha pessoal, e Don Raúl admite que está no seu direito fazê-la. Não estatize os reflexos de sua opção patrimonial, transferindo o ônus para um governo eleito por 55 milhões de pessoas.

Do seu patricio,  
Celso Furtado

Como se vê, a estrutura composicional do texto "De CelsoFurtado@org para Palocci@com" aponta para o gênero e-mail. No

título, por exemplo, encontram-se o símbolo @ (arroba) e os elementos “De” e “para”, que indicam os endereços eletrônicos do remetente (Celso Furtado) e do destinatário (Palocci). Nesse sentido, Celso Furtado envia um suposto e-mail para Antônio Palocci, então Ministro Chefe da Casa Civil, para tratar de assuntos pessoais e políticos.

Outra característica estrutural do e-mail presente no texto em análise é a saudação. Ao formular a saudação “SENHOR MINISTRO”, o suposto remetente estabelece um contato direto com seu interlocutor. Esse contato é mantido ao longo do texto através dos pronomes possessivos “seu”, “seus”, “sua”; do pronome de tratamento “senhor” e de formas imperativas como “tire” e “não estatize”. Além da saudação, o texto também apresenta despedida (Do seu patrício) e assinatura (Celso Furtado).

Considerando esses traços estruturais que o texto apresenta, poderíamos identificá-lo como e-mail. Sabemos, entretanto, que a definição de um gênero através de um conjunto de fixo de elementos não pode nos oferecer uma visão completa acerca do fenômeno. Dessa forma, precisamos levar em conta outros elementos, como o propósito comunicativo, o conteúdo, o meio de transmissão e os papéis dos interlocutores. Começemos pelo propósito comunicativo.

Apesar de possuir a forma de um e-mail, o texto é, na verdade, um artigo de opinião, já que sua função não é estabelecer um contato entre Celso Furtado e Antônio Palocci, mas expressar um ponto de vista sobre as polêmicas envolvendo o então ministro-chefe da Casa Civil, que, na época, era acusado de enriquecimento ilícito. Para sustentar a posição assumida, contrária a Antônio Palocci, o autor recorre a vários mecanismos que, por meio da mescla de gêneros, são capazes de reforçar seus argumentos. Dentre esses mecanismos, podemos destacar o tom

sarcástico do texto: “Não creio que meus leitores buscassem lições para enriquecer” e “[...] as moradias dos comensais, somadas, não cobrem o preço da sua”. O autor ainda a coloca em cena alguns aspectos sobre a vida de Celso Furtado, de Maria da Conceição Tavares, de Carlos Lessa e de Raúl Prebisch, dando a entender que as acusações contra Antônio Palocci possuíam fundamento.

O conteúdo temático do texto, como já observamos, diz respeito às acusações de enriquecimento ilícito direcionadas a Antônio Palocci. Segundo reportagem da *Folha de São Paulo* (edição do dia 15 de maio de 2011), Antônio Palocci aumentou seu patrimônio em 20 vezes entre 2006 e 2010, quando ele era deputado federal eleito pelo PT de São Paulo. A reportagem ainda cita a compra de um apartamento de R\$ 6,6 milhões realizada algumas semanas antes de Palocci assumir o cargo de ministro-chefe da Casa Civil. Qualquer leitor inteirado dos acontecimentos políticos do Brasil que, naquela época, tivesse contato com o texto não teria dificuldade em reconhecer o assunto nele abordado: um assunto atual, polêmico, de interesse público, típico de artigos de opinião.

O meio de transmissão do texto é, como já foi mencionado, o jornal *Folha de São Paulo*, o que descarta a possibilidade de classificá-lo como e-mail. Dificilmente, um leitor habituado à esfera jornalística pensaria que o texto é realmente um e-mail que Celso Furtado enviou para Antônio Palocci e, que por algum descuido, “vazou” no referido jornal. Mesmo que os leitores “entrem no jogo” do autor, que consiste em imaginar que os diálogos aconteceram, eles não deixariam de ler o texto como um artigo de opinião.

Quanto ao papel dos interlocutores, resta-nos observar, portanto, que a interação não se realiza entre Celso Furtado e Antônio Palocci, mas

entre Elio Gaspari e leitores da *Folha de São Paulo*. Nesse sentido, Elio Gaspari, institucionalmente autorizado, emite um ponto de vista, e os leitores buscam nele uma análise, uma interpretação, um juízo de valor supostamente mais esclarecido.

Embora tenhamos tratado cada um dos elementos separadamente, sabemos que eles atuam em conjunto na definição de um texto. Entretanto, em textos intergenéricos, como não podemos contar com a forma, a definição se realiza basicamente pela função. Nesse caso, se priorizássemos a estrutura formal, classificaríamos o texto como um e-mail. Se tendêssemos para o conteúdo temático, correríamos o risco atribuir ao texto o estatuto de notícia, por exemplo. E se privilegiássemos, ainda, o meio de transmissão do texto, isto é, seu suporte, para defini-lo, ficaríamos “perdidos” com a quantidade de gêneros que um jornal veicula. Desse modo, assim como já notaram muitos autores, consideramos que a identificação de um texto intergenérico se dá basicamente pelo propósito comunicativo. Em outras palavras, nosso texto é um artigo de opinião porque apresenta o posicionamento de Elio Gaspari sobre um assunto controverso, atual e de interesse público, como é o caso das acusações de enriquecimento ilícito contra Antônio Palocci.

O uso de elementos formais inerentes ao e-mail no artigo em análise comprova, pois, a presença da intergenericidade. Ao sair do padrão esperado para um artigo de opinião, a intergenericidade acaba funcionando como uma importante estratégia argumentativa. A quebra de expectativa, decorrente do processo intergenérico, confere, ao artigo, traços de originalidade, o que por si só já seria suficiente para atrair o leitor. No entanto, chamar a atenção do público é apenas o primeiro passo, já que o objetivo maior de um artigo de opinião é apresentar um

juízo de valor com vistas à persuasão. Nesse caso, é evidente a contribuição da intergenericidade para a criação de determinados efeitos de sentido e para a construção e manutenção da argumentação.

### **Considerações finais**

Este texto resultou da análise empreendida no artigo de opinião intergenérico, de autoria de Elio Gaspari, intitulado “De CelsoFurtado@org para Palocci@com”. Trata-se de um artigo de opinião que assumiu a forma de um e-mail. Nosso intuito foi verificar de que forma a intergenericidade participa da organização do referido artigo de opinião e quais são os efeitos decorrentes desse processo.

A análise revelou que a intergenericidade possibilitou ao articulista incorporar as características do gênero e-mail ao gênero artigo de opinião sem que este tivesse sua função prejudicada. Pelo contrário, ao diversificar a estrutura do artigo de opinião, a intergenericidade se mostrou um valioso recurso para realçar o propósito comunicativo do texto em análise, o que a torna uma importante estratégia discursiva. Em outras palavras, a apropriação do e-mail não colocou o caráter convincente do artigo de opinião em segundo plano, o que houve foi um reforço de todas as estratégias argumentativas mobilizadas pelo autor.

A partir da sobreposição de diferentes gêneros em um mesmo espaço textual, o articulista criou uma suposta situação comunicativa e convidou os leitores a entrar no jogo que consiste em pensar o diálogo como se ele realmente tivesse acontecido. Isso não impediu, contudo, que os interlocutores lessem o artigo de opinião como tal, uma vez que

as condições de produção dos gêneros envolvidos no processo intergenérico encontram-se entre as práticas de linguagem dos leitores habituados à esfera jornalística.

A análise também permitiu constatar que, mesmo revestido de outro gênero, o artigo de opinião manteve ainda alguns de seus elementos estruturais, como a contextualização do assunto e a utilização citações, exemplificações, comparações, dados e fatos concretos para a sustentação do ponto de vista, o que reforça o aspecto convencional dos gêneros, embora ele seja sempre relativo. No caso do artigo de opinião, foi justamente essa noção que possibilitou o processo intergenérico e, conseqüentemente, permitiu aos articulistas e aos leitores, por um lado, reconhecer e respeitar as especificidades de cada gênero e, por outro lado, subvertê-las em busca de determinados efeitos de sentido.

Por meio da análise apresentada, buscamos, portanto, não apenas proceder a uma reflexão sobre as relações intergenéricas entre os gêneros artigo de opinião e e-mail, mas também chamar a atenção para a importância de futuras e mais profundas investigações sobre o tema.

## Referências

- BAZERMAN, C. 2011a. *Gêneros, agência e escrita*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. 2011b. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez.
- BHATIA, V. K. 1997. Genre analysis today. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Bruxelles. v. 75, n. 3, p. 629-652.
- BRÄKLING, K. L. 2000. Trabalhando com o artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da palavra do outro. In: ROJO, R.(Org.) *A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras.
- CRYSTAL, D. 2001. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press.

GASPARI, E. 2011. De CelsoFurtado@org para Palocci@com. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05, jun. 2011. Poder, p. 12.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. 2012. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.

\_\_\_\_\_. 2011. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto.

MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

MATAIS, A; CREDENDIO, J. E. 2011. Palocci multiplicou por 20 patrimônio em quatro anos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 mai. 2011. Poder, p. 4.

PAIVA, V.L.M.O. 2004. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.) *Hipertextos e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.

RODRIGUES, R. H. 2005. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (Orgs). *Gêneros: teorias métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial.